



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA - TEL
LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA LITERATURA**

MARIA CASTANHO ANSARAH

**PRESSÕES DO PATRIARCADO SOBRE CORPOS DE APRESENTAÇÃO
FEMININA: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CONTO DA AIA E GRUPOS
CONSERVADORES NO BRASIL**

BRASÍLIA

2022

MARIA CASTANHO ANSARAH

**PRESSÕES DO PATRIARCADO SOBRE CORPOS DE APRESENTAÇÃO
FEMININA: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CONTO DA AIA E GRUPOS
CONSERVADORES NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Língua Portuguesa e Respectiva
Literatura na Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabrícia Wallace.

BRASÍLIA

2022

MARIA CASTANHO ANSARAH

**PRESSÕES DO PATRIARCADO SOBRE CORPOS DE APRESENTAÇÃO
FEMININA: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CONTO DA AIA E GRUPOS
CONSERVADORES NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada
em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura na
Universidade de Brasília (UnB).

.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabrícia Wallace.

Brasília, 22 de Abril de 2022

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre as semelhanças nas dinâmicas de gênero na obra *O conto da Aia* de Margaret Atwood com os posicionamentos presentes em grupos religiosos conservadores do Brasil. O paralelo será traçado através de postagens na rede social *Instagram*, notícias e um artigo de opinião da Igreja Universal. Tendo em vista o número de temas sociais presentes na obra e que se fazem pertinentes à discussão da sociedade Brasileira, o foco do trabalho será em maternidade, direitos reprodutivos e submissão. A mobilização dos temas mencionados pretende demonstrar como o discurso patriarcal na sociedade construída por Atwood pode ser visto como extremo, porém não está longe da realidade brasileira.

Palavras chave: Direitos reprodutivos; Patriarcado

Palavras chave:

ABSTRACT

This work reflects on the similarities of the gender dynamics between Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale* and the political positioning of religious conservative groups from Brazil. The parallel will be made through posts on the social medium Instagram, news, and an opinion piece in the Universal's Church website. Taking into account the number of themes in *The Handmaid's Tale* that are pertinent to the discussion of Brazilian society, the focus of this work will be on maternity, reproductive rights and submission. The mobilization of the aforementioned themes intends to demonstrate how the patriarchal discourse in the society built by Atwood can be seen as extreme, but it is not as far from the Brazilian reality.

Key words: Reproductive rights; Patriarchalism

SUMÁRIO

| | | |
|---|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 2 | ÚTEROS DE DUAS PERNAS: CORPO E REPRODUÇÃO..... | 10 |
| 3 | RECATADA E DO LAR: MODÉSTIA E SUBMISSÃO..... | 19 |
| 4 | CONCLUSÃO..... | 25 |

1 INTRODUÇÃO

Pelas dinâmicas de gênero se mostrarem tão marcadas na obra *O conto da Aia*, de Margaret Atwood, surge a reflexão de como são vistas as mulheres nesse regime ficcional. Neste contexto, o presente trabalho refletirá sobre as funções que as mulheres cisgênero desempenham no país fictício de Gilead em comparação com discursos religiosos sobre papéis de gênero no Brasil. Tendo em vista o foco da pesquisa, procuramos trazer aspectos do tema que são comuns de forma mais geral a pessoas com útero. Por essa razão as necessárias discussões com os recortes de classe, raça, deficiências e sexualidade se faz bastante reduzido.

Para tal, será feito o uso de postagens na rede social *Instagram* que tratam sobre feminilidade, família e religião com sua manifestação *online* ligada, declaradamente ou não, à extrema direita. Todas as contas figuradas no presente trabalho possuem acima de 10 mil seguidores, assim como anunciam, através da plataforma, cursos *online* e organizam comunidades via seus próprios sites, *Telegram*, ou *WhatsApp*, tendo como objetivo ter um lugar privado para discutirem suas ideologias. O critério para considerá-las no espectro político de extrema direita é defender valores conservadores, a “tradicional família brasileira” e intervenção militar na democracia, pois segundo Löwy (2015) essas pautas, entre outras, estão ligadas às crenças da extrema direita.

Com isso, pretende-se não só demonstrar como os discursos de perpetuação dos papéis de gênero se fazem presentes na esfera individual, já que são pessoas e não instituições se posicionando, mas também abordar reportagens e publicações de *sites* de igrejas que estão em alinhamento com o discurso patriarcal presente na obra, desta forma demonstrando como essa visão também é representada dentro de instituições brasileiras. Dentro desse contexto criado pela autora, é possível observar a forma que as mulheres são colocadas em posição de servir aos interesses da sociedade patriarcal, organizada para tirar qualquer tipo de autonomia das mulheres, mesmo as de mais prestígio.

Golpes de estado, como o Golpe Civil-militar de 1964, marcam a história com a retirada de um governo democrático, ao passo que os golpistas negam ser um golpe. À lá René Magritte com *La trahison des images*, isso não é um golpe de estado: a extrema direita toma o poder sob a justificativa de proteger o país de uma

ameaça que coloca em risco todas as crenças, a base daquela sociedade. Mas isso não é um golpe de estado. Para os de fora, não é uma ditadura, só tiveram que recorrer a atitudes mais extremas por conta do nível de ameaça que enfrentavam: o comunismo, os judeus, o estado islâmico, a ruína da moral e dos bons costumes. Perda de autonomia sobre o próprio corpo, perseguição, tortura, imposições religiosas, cerceamento da liberdade de expressão: tudo é justificado para proteger a nação?

Para os Comandantes de Gilead, o local em que se passa o romance, sim. Esses aspectos levados ao extremo constituem a ditadura teocrática instaurada no que outrora fora os Estados Unidos. *O Conto da Aia* retrata uma sociedade embasada pela moral protestante e de caráter militarizado, instituída por um grupo de extrema direita que tomou o poder através de um golpe de estado. Há rigorosas imposições de valores aos civis, que podem ser perseguidos frente a alguma manifestação de divergência ao regime. Podemos citar como formas de controle, entre outras, execuções públicas – e por vezes televisionadas – chamadas de Salvamentos, o Muro em que há exibição dos corpos punidos, a existência das Colônias compreendendo-se assim, a ameaça de ir para campos de trabalho, e vigilância dos pares com ameaça de delação.

No romance de Margaret Atwood os governantes de Gilead justificam ter instalado o regime para evitar a “decadência moral” da sociedade e uma suposta necessidade de repopular o planeta, já que a ação do ser humano havia desgastado os recursos naturais e deixado resíduos radioativos, que, por sua vez, causaram infertilidade na população. Dessa forma, a infertilidade é utilizada como mais uma justificativa para que o Estado exerça controle sobre o sistema reprodutivo das pessoas que possuem útero em condições de conceber. A pressão de reprodução recai sobre mulheres, visto que há um trabalho exclusivamente criado para pessoas com úteros viáveis, enquanto ignoram a possibilidade da infertilidade masculina.

É importante destacar que na obra todos nomes de posição social, ou seja, função exercida, são escritos com a primeira letra maiúscula, Esposa, Comandante, Tias; assim como nomes de eventos. Com isso em vista, este trabalho seguirá o mesmo padrão. As categorias mulher e homem que serão referenciadas ao longo do texto dizem respeito às pessoas cisgênero, ou lidas como, dentro do regime. Sabe-se da existência das pessoas “traidoras de gênero” na narrativa, entretanto, não é explicitado se haveria um desvio de gênero de fato, portanto, se tratando de pessoas

transgênero, ou se os “traidores de gênero” se atraem por pessoas do mesmo gênero, se tratando de pessoas homoafetivas. Contudo, é possível que o regime não entenda, ou não se importe em diferenciar entre expressão de gênero e sexualidade.

Deste ponto em diante a protagonista será referida como June¹. Cada Aia é designada um nome que tem a seguinte lógica: todos levam no início do nome a partícula inglesa *Of*, equivalente à preposição *de* no português, mais o nome do Comandante a quem servem, sendo assim *Of Fred*, ou De Fred. A narradora-personagem, a Aia que dá o título ao livro, apresenta em primeira pessoa um relato que não foi escrito, mas contado oralmente, ou mesmo, apenas pensado por ela. Tendo em conta o ponto de vista da narração, entende-se que a obra não se propõe a construir infalivelmente o universo em que se passa. A narradora possui pouco acesso à informação, já que essa é deliberadamente escondida dela. June não tem acesso ao funcionamento da hierarquia Gileadeana, e a construção do universo ficcional d’*O Conto da Aia* se beneficia disso.

O título da obra em português prioriza uma linha de interpretação mais literal, contudo, a análise do título em sua língua original, o inglês, traz à tona outra interpretação. Nas notas históricas há o comentário de um dos colegas do professor que apresenta sua comunicação sobre o relato da Aia e que teria denominado tal de *The Handmaid’s Tale*. Esse colega aponta um trocadilho entre *tale* e *tail*, formando, assim, um título alternativo. A palavra *tale* (TALE, 2022) tem a mesma pronúncia que a palavra *tail* (TAIL, 2022), que significa rabo; dessa forma o segundo título significa *O rabo da aia*, uma referência ao fato de Offred ter de fazer trabalho sexual.

Ainda sobre o título original, há o significado mais abrangente de *handmaid*, ou *handmaiden*, seu sinônimo. O dicionário Merriam Webster define *handmaiden* como “*a personal maid or female servant*” (HANDMAIDEN, 2022). Enquanto os leitores em inglês veem o trabalho a partir dos significados de *handmaiden*, e portanto, contendo significado de serva, alguém que não é livre, e empregada pessoal ou dama de companhia — a palavra *aia* por si só representa uma interpretação. De acordo com o dicionário Houaiss, a palavra *aia* é definida como “1 dama de companhia; 2 preceptora encarregada da educação doméstica das

¹ Infere-se que o nome de registro da personagem seja June, a partir do trecho “Dessa maneira trocávamos nomes de cama em cama: Alma. Janine. Dolores. Moira. June.” (ATWOOD, 2017, p. 12). Todos os outros nomes são mencionados ao longo da narrativa, a protagonista retorna a mencioná-las, com exceção de June. Portanto, assume-se que a narradora-personagem está relatando ao leitor o que acontece com June durante toda a obra. Serão feitas menções à personagem como Offred em momentos em que há intenção de destacar o subjugamento.

crianças de famílias nobres ou ricas; 3 criada de dama nobre; camareira” (AIA, 2022). Assim, em português a conotação da palavra envereda para a significação de um trabalho assalariado, não abrangendo a segunda interpretação que o inglês possibilita: de um trabalho forçado, não assalariado. Portanto, o presente texto considerará as trabalhadoras do regime de Gilead como pessoas não livres.

Há ainda, outra questão relevante relacionada ao título em inglês: a palavra *handmaid* é frequentemente utilizada para se referir a figura bíblica de Maria. Em português onde há a menção de “Maria, a serva do Senhor” (MARCHIORI, 2017), em inglês seu equivalente é “*Mary, the handmaid of the Lord*” (NATIONAL SHRINE, 2022), como é possível observar em comunicações da igreja católica, e, na própria página da igreja National Shrine. Utilizar essa nomenclatura para o grupo de mulheres cuja função é ter filhos para quem servem, evoca comparação com a figura de Maria e explicita a camada religiosa ligada a essa função.

2 ÚTEROS DE DUAS PERNAS: CORPO E REPRODUÇÃO

[...] ele saiu do caminho, foi para o gramado, para respirar o ar úmido que fede a flores, a crescimento carnudo, o pólen lançado ao vento aos punhados, como ostras desovadas no mar. Toda essa pródiga procriação.

(ATWOOD, 2017, p. 217)

A classe das Aias foi criada com a justificativa oficial de repopular o país perante a queda das taxas de natalidade. Nem todas as esposas de homens poderosos podiam conceber, assim, criou-se uma saída para envolver pessoas de útero fértil sem que o ato sexual entre elas e os Comandantes tivesse aparência imoral. Desta forma, com embasamento religioso, os versículos a seguir servem de inspiração, uma vez que tratam da infertilidade de Raquel, esposa de Jacó:

Raquel, vendo que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã: “Dá-me filhos - disse ela ao seu marido - senão morro!” E Jacó irritou-se com ela. “Acaso - disse ele - posso pôr-me no lugar de Deus que te recusou a fecundidade?” Ela respondeu: “Eis minha serva Bala: toma-a. Que ela dê à luz sobre os meus joelhos e assim, por ela, terei também filhos”. (BÍBLIA, 2014. Gn, 30,1-3)

A citação acima é a epígrafe da obra e possui algumas diferenças para a versão que é transcrita no romance de Atwood. Nota-se que a tradutora optou por deixar o nome Jacó como Jacob, sem o traduzir. Raquel foi traduzido para o português e Bila, como é utilizado na bíblia em português, ficou como Bilha.

Nesta edição há uma nota de rodapé tratando da posição, levantando a possibilidade de ser um rito de adoção praticado na época. Portanto, é bastante explícita a inspiração dentro do ambiente ficcional para a criação do papel das Aias; recebem justamente a nomenclatura que denota servidão, pois assim podem ser colocadas na mesma posição que Bila. O trecho é também tomado como o “roteiro” da Cerimônia. Nesse ato mensal a Esposa fica na cama, a Aia deita no ventre da outra mulher, assim como no trecho citado, e o Comandante deve realizar o trabalho de penetrá-la. Desta forma, ela se torna uma intermediária da vontade de Deus², assim como Maria foi. Os termos “receptáculos sagrados” e “cálices ambulantes”

² Opta-se por utilizar a inicial maiúscula para a palavra Deus neste trabalho para se referir à crença monoteísta cristã.

(ATWOOD, 2017, p. 88) utilizados em relação às Aias, reforçam o aspecto religioso da função.

Nas comunidades cristãs brasileiras, a figura da mulher também é retratada com frequência através desse viés religioso. Há postagens em redes sociais que listam as virtudes que as mulheres deveriam ter. Nesse sentido, a figura 1 toma como parâmetro Provérbios 31, apesar de extrapolar as ideias do trecho bíblico:



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ca2RtY6LGxu/>

A figura 1 foi postada na rede social *Instagram* por uma página sobre maternidade cristã em comemoração ao dia internacional da mulher. Sabrina M., a responsável pela página, se autointitula mentora de mães, com a proposta de “Descomplicar o devocional do lar”; possui um *e-book* publicado e realiza falas públicas sobre o assunto de sua página. Quanto à postagem em si, no versículo referenciado na imagem, é narrada uma série de conselhos para Lamuel, rei de Massa, provindos de sua mãe; esses conselhos se tornam uma listagem de características de uma mulher virtuosa com o objetivo de ajudá-lo a escolher uma esposa. Há menções sobre execuções de trabalhos domésticos por parte da mulher, caridade para com os pobres e a defesa que “superior às pérolas é o seu valor” (BÍBLIA, 2014, Pr. 31, 10). Não há menções diretas sobre rubis, viver como Jesus, “estar vestida de força e dignidade”, sobre as palavras diretas elogio ou honra, nem sobre “coração de serva” nas versões utilizadas para checagem, listadas a seguir: *Católica; Almeida Revista e Atualizada e Nova Versão Transformadora*.

Contudo, embora a postagem não utilize as palavras exatas da bíblia, pode-se observar uma concordância de sentidos. Há a exaltação do valor caridade, e quem o executa é mais propenso a ser visto como pessoa digna. Supõe-se que o aspecto força pode ser relacionado à execução de trabalho, uma pessoa que se mantém sempre ocupada, como é afirmado que uma mulher deva fazer na bíblia ao dizer que “sua lâmpada não se apaga durante a noite” (BÍBLIA, 2014, Pr. 31, 18). É possível relacionar, também, louvada com elogiada. Supõe-se que “viver como Jesus” seja proveniente da interpretação da pessoa criadora da postagem ao ler Provérbios 31. Por fim, “coração de serva” parece ser igualmente um juízo de valor, já que esse capítulo não apresenta a mulher como inferior ao cônjuge.

Ademais, não há descrição de quem a mulher deveria servir, portanto, infere-se que Deus é um dos possíveis senhores, assim como um esposo. A Igreja Universal publica um texto, que será abordado mais profundamente no decorrer do trabalho, no qual advertem: “Vale lembrar que o seu esposo representa o Senhor Jesus. Você trataria o Senhor Jesus de qualquer maneira?” (VIDAL, 2015). Ademais, Maria, a figura bíblica sempre adotada como modelo de mãe, referenciada como serva, a serva de Deus. As outras mulheres, então, são servas de seus maridos, a quem provém com filhos. Assim funciona também com as Aias no romance de Atwood, que se prestam a esse mesmo propósito aos seus Comandantes e são servas por definição, como discutido na introdução.

June, a narradora, descreve a função das Aias como:

Somos para fins de procriação: não somos concubinas, garotas gueixas, cortesãs. Pelo contrário: tudo o que era possível foi feito para nos distanciar dessa categoria. Presume-se que não há nada de divertido a nosso respeito, nenhum espaço para que luxúrias secretas floresçam é permitido; nem quaisquer favores devem ser obtidos por persuasão, por eles ou por nós, não devem existir quaisquer oportunidades ou atividades que possam dar ensejo a amor. Somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes. (ATWOOD, 2017, p. 165)

Desta forma, pode-se observar no trecho citado que as Aias são estritamente para a reprodução, é trabalho delas ser fecundada pelo Comandante e carregar o filho até o nascimento, para depois abrir mão para Esposa desse comandante criar a criança, seguindo o exemplo da estória de Bila e Raquel. Em uma sociedade que designa funções através dos aspectos biológicos, cabe a essas mulheres realizarem trabalho reprodutivo³ não remunerado que sustenta a sociedade. Na distopia que

³ Silvia Federici (2017) utiliza o conceito de trabalho reprodutivo para designar a reprodução da vida,

ocorre em Gilead esse aspecto não é abandonado, mas pelo contrário, institucionalizado através da organização de mulheres em Aias, Marthas e Esposas.

A descrição da Cerimônia através do ponto de vista da explorada é particularmente reveladora quanto à falta de autonomia corporal deste grupo de mulheres, que, assim como Bila, não tiveram escolha. Além do Estado teocrático e patriarcal ditar que Offred deve ser *fodida*⁴ uma vez por mês para ter filhos, dita ainda de que forma, sob quais circunstâncias, quem, e até mesmo em que posição ela deve se encontrar no processo. A teórica feminista Simone de Beauvoir (2009) comenta sobre o papel constantemente designado à mulher no ato sexual: “Assim, embora desempenhando na procriação um papel fundamentalmente ativo, ela sofre o coito que a aliena de si mesma pela penetração e pela fecundação interna; embora ela sinta a necessidade sexual como uma necessidade individual”. As vontades de June são desconsideradas em todo o processo, o que lhe deixa alheia a seu próprio corpo.

Ainda na descrição da cerimônia, a narradora reflete sobre as palavras que deveriam ou não ser utilizadas para nomear o que ocorre: “Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha acordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e foi isso o que escolhi.” (ATWOOD, 2017, p.115). Embora a personagem argumente na narrativa que não foi estuprada, isso pode ser colocado em debate, já que é obrigada a ter relações sexuais com pessoas que, antes de entrar no posto, nem conhece. Além disso, não existe a possibilidade da retirada de consentimento durante seu posto como Aia, e muito menos durante o ato sexual com o Comandante. Consentimento verdadeiro não é dado sob ameaça de algo negativo acontecer caso o consentimento seja retirado. As Aias passam por até três postos, três casas de Comandantes diferentes, caso não sejam bem-sucedidas são punidas, mandadas para as Colônias, o que torna o contexto do consentimento duvidoso; colocando então o próprio consentimento em cheque.

Ao decorrer de toda a obra, é deixado explícito que as Aias, e outras trabalhadoras e trabalhadores do regime, são coagidas e coagidos a realizarem suas atribuições, pois paira sempre a ameaça das severas punições. Pode-se

futura força de trabalho, no mundo capitalista. A autora defende que sem o trabalho reprodutivo, que também inclui tarefas domésticas, ocorrendo de forma não remunerada, o sistema capitalista não se sustentaria.

4 A narradora afirma ser a palavra certa para designar o ato que acontece ali, já que denota justamente ausência de agência de sua parte.

exemplificar isto com o trecho a seguir, que June ouve uma conversa das Marthas através da porta:

“Mas certa vez ouvi Rita dizer para Cora que nunca se rebaixaria dessa maneira. Ninguém está lhe pedindo que o faça, retrucou Cora. De qualquer maneira, o que você poderia fazer se acontecesse? Ir pras Colônias, respondeu Rita. Elas têm essa escolha. Com as Não mulheres, e morrer de fome e Deus sabe o que mais?, disse Cora. Agora te peguei. [...] De qualquer maneira, elas estão fazendo isso por todos nós, disse Cora, ou pelo menos é o que dizem. Se eu não tivesse ligado as trompas, poderia ter sido eu, digamos, se fosse dez anos mais moça. Afinal, não é assim tão ruim. Não é o que se consideraria trabalho pesado.” (ATWOOD, 2017, p. 18 e 19)

Nota-se, também, o julgamento sobre o valor do trabalho da Aia, como se ela estivesse se rebaixando ao realizá-lo, mesmo que não haja alternativa alguma a não ser morrer lentamente nas Colônias. Rita também diminui o quanto pode ser difícil a vida de uma mulher na posição de Aia, ignorando a pressão que recai em cima delas para que engravidem e que, apesar de não realizarem trabalho pesado, como as Marthas, não têm o menor nível de autonomia corporal e são expostas a situações que deixam grandes marcas psicológicas caso sobrevivam às suas três chances.

Recai nas Aias toda a responsabilidade de conceber, deste modo, para garantir que estejam saudáveis existe um sistema de consultas regulares ao médico. Na visita narrada na obra ao examinar June, o profissional afirma que ela está bem de saúde, e que o motivo de não ter engravidado ainda é provavelmente a esterilidade dos homens. Nesse momento a protagonista se inquieta: “Eu quase engasgo de espanto: ele disse uma palavra proibida. *Estéril*. Isso é uma coisa que não existe mais, um homem estéril não existe oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a lei.” (ATWOOD, 2017, p.75). Não é permitido colocar os homens em lugar de suposta fraqueza, nem mesmo com algo que está fora do controle de qualquer pessoa como a fertilidade, ou falta dela.

Ignorar uma possível esterilidade do homem é bastante elucidativo de modo que explicita as prioridades e interesses dessa sociedade. Por mais que seja de fato um interesse do governo Gileadeano aumentar o número de pessoas que nascem sob aquele regime, e assim aumentar o número de trabalhadores como no início do sistema capitalista (FEDERICI, 2017), ignorar a infertilidade masculina abre espaço para a hipótese de que seu objetivo principal não é aumentar a população, mas se

valer disso como justificativa para controlar os corpos das mulheres férteis. Se o interesse prioritário fosse aumentar a população, a fertilidade dos homens não seria ignorada.

Com tamanha ênfase no papel das mulheres no processo da concepção, embora quando convenha aos mandantes elas devam ser passivas, o Estado cria um discurso defendendo um suposto destino biológico, o único objetivo aceitável para alguém com útero viável. Esse aspecto é destacado pelo Comandante, um homem de grande poder em Gilead, durante uma conversa com sua subordinada, afirmando que “O dinheiro era a única medida de valor, para todo mundo, não recebiam nenhum respeito pelo fato de serem mães. Não é de espantar que estivessem desistindo da coisa inteira. Da maneira como fazemos estão protegidas, podem realizar seus destinos biológicos em paz. Com pleno apoio e encorajamento.” (ATWOOD, 2017, p. 261). Ao tomar banho, June reflete sobre o quanto ter o corpo que tem influencia no tratamento que ela recebe dos outros: “Não quero olhar para alguma coisa que me determine tão completamente” (ATWOOD, 2017, p.78). Ter esse corpo se torna um fardo, especialmente na sociedade Gileadeana, pois é ele que define os papéis sociais que lhe serão atribuídos, seu trabalho, sua posição social e decreta sua sobrevivência ou não.

Questões como trabalho e posição social podem se tornar reflexo do gênero atribuído a alguém ao nascer, mas fora da ditadura teocrática, tanto no universo ficcional de Atwood quanto na presente sociedade brasileira, a biologia começava a perder seu espaço totalitário graças às lutas do movimento feminista e do movimento LGBTQIA+. Assim, pessoas têm espaço de ir contra seu gênero designado, e mulheres cisgênero têm a possibilidade de ascender socialmente e não ficarem reclusas ao lar, embora em ambos casos sofram represálias e violência por saírem da norma. A filósofa Simone de Beauvoir (2009, I. 5447), em uma de suas afirmações mais célebres, se posiciona contra esse determinismo biológico, desconstruindo o raciocínio ao longo de toda a obra intitulada *O Segundo Sexo*:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

De forma bastante similar ao posicionamento exprimido pela classe dominante do romance de Atwood, grupos religiosos cristãos no Brasil demonstram

ter a mesma visão de destino biológico. A usuária do *Instagram* Bruna Luz é responsável pela Comunidade Mamãe Feliz de Verdade, para a qual dá cursos para “tornar-se uma mãe profissional, uma mãe feliz de verdade” (LUZ, 2021). Ainda de acordo com seu site, ela procura ensinar às mães sobre autocontrole, ambiente, virtude e fé. Uma de suas postagens no *Instagram* para a comunidade de seu perfil, ilustra particularmente bem a visão de destino biológico, ao mesmo tempo que evoca a imagem da personagem bíblica Maria:

Figura 2: Captura de tela



Disponível: <https://www.instagram.com/p/CYjTiWZuq3k/>

O trecho da legenda “Maria recebeu de Deus um chamado, ser mãe! Um chamado que eu e você também recebemos” (LUZ, 2022) coloca o papel de dar a luz como sagrado, religioso, um presente de Deus. A visão propagada é de que basta nascer com útero para receber seu chamado de ser mãe. É tratado como parte do plano de Deus e do papel social da mulher ter filhos.

A ex-ministra do então nomeado Ministério da Mulher, da *Família* e dos Direitos Humanos, Damares Alves faz uma fala no mesmo sentido: “A mulher nasceu para ser mãe. Também, mas ser mãe é o papel mais especial da mulher.” (SACONI, 2018). Enquanto isso, ignoram, talvez propositadamente, grupos de pessoas, como mulheres cisgênero, que nasceram inférteis ou se tornaram inférteis, pessoas transgênero, mulheres cisgênero que não querem ter filhos e mulheres que não conseguem levar a gravidez a termo. As vontades individuais são ignoradas: o que “deve prevalecer” é o dever de engravidar.

Decerto a biologia exerce um papel na vida de cada ser humano, contudo,

essa não é a fonte definidora exclusiva do que é ser mulher, ou mesmo homem. Há outros fatores que influenciam na construção de cada indivíduo, nos papéis que esses assumem socialmente, como Beauvoir (2009, l. 998) discorre a seguir:

É, portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir.

Ainda no mesmo livro, porém no capítulo de título *Infância*, argumenta longamente sobre como é a sociedade que define os conceitos do que é mulher ao educar crianças, imbuindo na criação a ideia de mulheres devem ser passivas, assim “é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade.”. A institucionalização do trabalho reprodutivo significa, então, que menos ainda as Aias poderiam escapar de seus “destinos biológicos”.

Para que elas cumprissem essas expectativas de fertilidade, são admitidas em treinamento no Centro Vermelho para que possam exercer essa futura função. Sob supervisão das Tias, mulheres um pouco mais velhas, elas aprendem o que é esperado de mulheres em sua posição de acordo com a nova organização social. É o local em que se ressignifica os corpos dessas mulheres para a sociedade e onde há a tentativa de ressignificar os corpos para suas próprias donas. Esse processo é importante para garantir o conformismo ao regime. Moira, por exemplo, não passou pelo mesmo processo de sua amiga, que agora compreende seu corpo de outra forma. June relata que via antes seu corpo como instrumento de prazer ou meio de transporte, mas que isso foi modificado, agora haveria certa dissociação do seu corpo físico. A personagem também afirma: "Parece estranho que mulheres outrora gastassem tanto tempo e energia lendo a respeito dessas coisas [excitação sexual e orgasmo], pensando nelas, se preocupando com elas, escrevendo a respeito delas. São tão evidentemente recreativas." (ATWOOD, 2017, p.115) demonstrando novamente sua mudança de perspectiva.

O que antes eram somente expectativas do regime se tornaram parte da condição de Aia para June, ela adotou as mesmas expectativas: “A cada mês fico vigilante à espera de sangue, temerosamente, pois quando ele vem significa fracasso. Falhei mais uma vez em satisfazer as expectativas dos outros, que se

tornaram as minhas próprias expectativas.” (ATWOOD, 2017, p.90). Outro trecho que demonstra essa mesma vontade por parte da Aia é: “Ela é uma presença mágica para nós, um objeto de inveja, de desejo, nós a cobizamos. Ela é uma bandeira no alto de uma colina que nos mostra o que ainda pode ser feito: também podemos ser salvas.” (ATWOOD, 2017, p. 37). June reflete em certo momento que “Nenhuma mulher de plena posse de suas faculdades mentais, nos dias de hoje, tentaria impedir um nascimento, se tivesse a imensa sorte de conceber.” (ATWOOD, 2017, p. 45). Essa afirmação pode ser interpretada como um apoio direto ao regime, mas também pode demonstrar temor às consequências a serem enfrentadas caso a mulher de fato tente impedir um nascimento.

É preciso frisar que dificilmente uma Aia conseguiria se manter inserida na lógica Gileadeana sem alguma mudança de perspectivas, já que qualquer demonstração de infidelidade aos valores do regime é punida de forma severa. A reprogramação de perspectivas é realizada tendo como alvo também modificar a visão moral das Aias sobre atitudes que tiveram no passado e que, após a instauração do regime teocrático, passaram a ser inaceitáveis.

3 RECATADA E DO LAR: MODÉSTIA E SUBMISSÃO

Eu espero que as pessoas pertencentes à casa se reúnam. Pertences da casa: é isso que nós somos. O Comandante é o chefe, o dono da casa. A casa é o que ele possui. Para possuir e manter sob controle até que a morte nos separe.

(ATWOOD, 2017, p.99)

Há uma delimitação moral bem distinta em Gilead: o certo e o errado são definidos pelas diretrizes protestantes. Os Comandantes constituem a classe alta de Gilead: tudo é elaborado por eles e para eles. Recebe a nomenclatura de Esposa quem é casada com um Comandante, cada casa desses Comandantes recebe um conjunto de Marthas e uma Aia, todas ali para fazer a casa funcionar, cuidar das necessidades do homem, bem como gerar e criar seus filhos. Os homens no controle têm posses, mulheres que os servem, e eles ditam o que pode ou não acontecer, eles dão as cartas no jogo fraudulento do patriarcado. Portanto, nesse sistema, é concedida uma quantidade mínima de poder às mulheres. Posições como de Esposa e Tia são tidas como de alta confiança, pois elas estariam no comando de alguma coisa. Às Tias é permitido ler, diferentemente do resto das mulheres, pois elas não estão sob o jugo de um homem – ao menos não em um relacionamento interpessoal. Contudo, mesmo elas não têm permissão para portar armas de fogo: June afirma que nem mesmo elas merecem esse grau de confiança.

Na casa dos Comandantes é a Esposa de cada um quem realiza a supervisão das trabalhadoras mulheres e do trabalho doméstico em geral, seu poder tem os mesmos limites do terreno da residência. Uma outra classe de mulheres que é igualmente responsável pelo lar é a de Econoesposas. São casadas com homens mais pobres e assumem todas as funções da casa, fazendo também papel das Marthas e das Aias. Usam vestidos listrados das cores azul, verde e vermelho, que representam cada uma das três classes. Pouco se sabe de seu cotidiano, tendo em vista que o convívio da narradora com elas é escasso.

Visto que as Esposas são casadas com os homens mais importantes do regime, compreende-se que elas já mantinham algum nível de alinhamento com as

peças que instauraram este novo Estado através do golpe. Há um trecho que corrobora essa interpretação, no qual June lembra ter visto Serena Joy fazendo discursos na televisão sobre a santidade do lar e como as mulheres deveriam ficar em casa. É possível achar ressonância na manifestação de mulheres brasileiras através da rede social *Instagram*. O perfil *Fielmente Feminina* é responsável por postagens sobre o que a usuária que gerencia a conta denomina “ensino da feminilidade bíblica”. Amanda Durham, compartilha fotos suas e de seu cotidiano enquanto escreve textos de opinião nas legendas das fotos. Possui um *e-book* publicado de título *Costurando a Modéstia no Coração*. Frequenta a *First Baptist Church*, no estado da Flórida, EUA, onde seu marido é pastor.

Neste perfil a autora defende que mulheres que trabalham com o propósito de auxiliar seu marido em negócios de família são diferentes daquelas que trabalham em outro ambiente com o objetivo de fazer carreira e que, por trabalharem fora, se tornam “ajudadoras idôneas” de outro homem que não seus maridos (DURHAM, 2021). Todavia, se as palavras de Serena Joy e Amanda Durham fossem seguidas de forma literal, não haveria mais espaço para as próprias se posicionarem. June relata que é exatamente isso que ocorreu: “Ela não faz mais discurso. Tornou-se incapaz de falar. Fica em casa, mas isso não lhe parece fazer bem. Como deve estar furiosa, agora que suas palavras foram levadas a sério.” (ATWOOD, 2017, p. 58). Com a instauração de um regime cristão protestante, Serena Joy foi relegada ao lar, ela teve exatamente o que pregava.

A falta de liberdade feminina faz com que os mínimos detalhes importem no campo de disputa entre si. Quando June é designada à casa de Serena Joy e Fred, a mulher mais velha vai receber a recém-chegada bloqueando a porta com seu corpo: “Queria fazer com que eu sentisse que não poderia entrar em sua casa a menos que ela me autorizasse. Há uma disputa de poder, hoje em dia, com relação a detalhes desse tipo.” (ATWOOD, 2017, p. 23). Ela não escolhe pessoalmente as Aias, assim como não pode decidir não ter uma. O que lhe resta são essas pequenas demonstrações de poder, afinal, ela ainda está “acima” de alguém. O aspecto de domínio do lar pela mulher é reforçado em vários momentos, mas um que se destaca é o trecho em que June quebra uma regra a pedido do Comandante. Assim, a protagonista reflete: “Se eu for apanhada será à mercê dos ternos cuidados de Serena Joy que serei entregue. Ele não deve interferir nas questões de disciplina doméstica, isso é assunto de mulheres.” (ATWOOD, 2017, p. 165).

Uma segregação tão clara das esferas de poder é uma forma de contentar essas Esposas, ali elas são as mandantes absolutas, pois “[...] o casamento, escravizando-a a um homem, faz dela dona de um lar.” (BEAUVOIR, 2009 I.8608). Uma consequência da construção da mulher como inerentemente um ser do lar é que homens que realizam tarefas domésticas seriam então emasculados. Além disso, quando a mulher é colocada nesse lugar de serviçal, o homem, ao chegar em casa, deve ser servido. Dessa forma, ele estaria finalmente usufruindo dos “direitos” de receber o serviço que adquiriu com o casamento. Sobre essa masculinidade patriarcal, Bell Hooks (2015, p. 81-82) diz que “incentiva homens a serem patologicamente narcisistas, infantis e psicologicamente dependentes dos privilégios (ainda que relativos) que recebem simplesmente porque nasceram homens.” No regime ficcional todas essas características são exacerbadas pela falta de um mecanismo que freie suas ações quando desmedidas.

O entendimento de que tarefas domésticas e o cuidado com os filhos pertencem às mulheres está enraizado no pensamento patriarcal, também presente no Brasil. A conta *Simple e Bela*, gerenciada por Vanessa Chaves, dá cursos através de uma plataforma denominada *Comunidade bela e fúria*, que montou com seu marido, a qual descrevem como: “Um local livre de ideologias e com conteúdo sensível que os progressistas não desejam que você tenha conhecimento sobre o universo feminino e masculino.” (CHAVES; CHAVES, 2022). Em sua conta do *Instagram*, *Simple e Bela* publicou um *Guia da Boa Esposa* com treze itens, que, pelo seu teor, poderia ter sido produzido por alguma das Esposas ou Tias de Gilead, dizendo como mulheres deveriam se comportar. A publicação ressalta valores patriarcais e orienta as mulheres a se manterem inseridas dentro desse contexto. Vale destacar, entretanto, que existe um *Guia do bom marido* publicado na conta *Tradição e Fúria*, gerenciada pelo marido de Vanessa Chaves. Embora o segundo guia não será abordado em detalhes, é interessante destacar que a listagem feita para o público masculino mantém a mulher em lugar de única responsável pela casa e pelos filhos.

Há também um guia da Igreja Universal do Reino de Deus, organizada em forma de artigo de opinião, que tem como objetivo prescrever como ser uma esposa perfeita. Ambos são similares em conteúdo, embora o proposto pela igreja foque no valor da submissão e o *Guia da boa esposa* tenha como ideia principal a mulher como um ser doméstico. Contudo, mesmo assim, a postagem feita no *Instagram* fala

sobre submissão, e a da igreja transmite a ideia de que a mulher é responsável pelas tarefas da casa.

A mulher é colocada como a única, ou principal responsável pelo trabalho doméstico no tópico “Ela o aprecia”, da igreja Universal: “Cuide das coisas dele, mantenha suas roupas limpas e organizadas, faça a comida que ele gosta, se esforce para agradá-lo, pois, dessa forma, estará mostrando o quanto se importa com ele.” (VIDAL, 2015). No guia da boa esposa, essa questão é transparente ao passo em que afirma que “Ao invés de pedir que seu esposo fique com 50% das tarefas domésticas, deixe que ele fique com as crianças. Os homens não são ligados com os detalhes do lar, como nós somos” (CHAVES, 2021), assim como no seguinte item da lista, o número 8, que orienta a mulher a manter a casa ajeitada e as crianças limpas para quando o pai chegar (CHAVES, 2021).

Há trechos ainda que são bastante representativos da alimentação continua do narcisismo masculino patriarcal. Na reportagem da igreja Universal orientam a mulher a “fazer para o seu esposo o que ele espera que faça, e não o que você gostaria de fazer. Sua preocupação deve ser atender a necessidade dele, ainda que não corresponda àquilo que você acha que ele precisa.” e logo em seguida dizem para que a mulher esteja atenta às necessidades do esposo, colocando-o no topo da lista de prioridades (VIDAL, 2015). As atitudes da mulher devem girar em torno do homem, como quando a conta Simples e Bela (CHAVES, V. 2021) diz que a primeira prioridade deve ser Deus, depois o marido e em seguida os filhos. Ainda, que mulheres devem revelar beleza, instruindo as leitoras a se arrumarem para o marido, não importa o quanto ela esteja cansada.

Outra questão ligada ao narcisismo patriarcal, mas que também o extrapola, é a priorização do marido, presente em “Você não precisa ter sempre uma palavra para dizer, mas deve estar sempre pronta para ouvi-lo.” (VIDAL, 2015) no texto da igreja como nos itens 10⁵ e 12 da lista da publicação em rede social de Vanessa Chaves (2021). Embora o teor do item 10, pedir para a esposa deixar o marido falar primeiro, pois os assuntos dele são mais importantes, seja amenizado pela presença da contraparte no outro texto, não há nada como o item 12: “Aprenda a ouvir, se calar e falar no momento certo. Ouvir para aprender, se calar para meditar e falar para auxiliar.” (CHAVES, V. 2021). Aqui a mulher é colocada em papel de

⁵ A página Fúria e Tradição publicou, como mencionado, um guia equivalente a este, mas tendo o marido como público-alvo. Nele há uma exata correlação ao item 10, que diz “Deixe-a falar primeiro. Lembre-se: os temas da conversa dela são mais importantes que os seus.” (CHAVES, F., 2015)

auxiliadora, ela deve ouvir e meditar sobre as palavras do homem, pois não cabe a ela decidir.

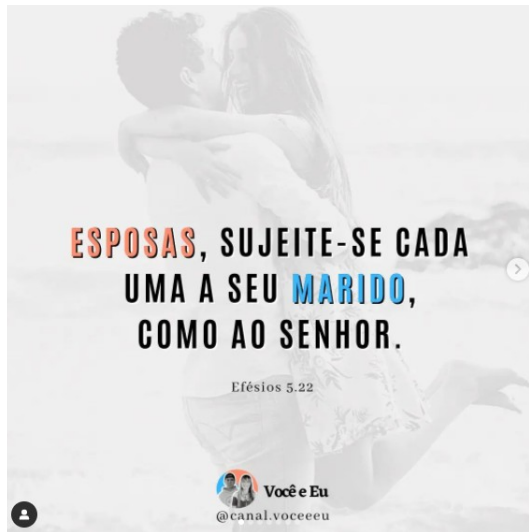
Os temas tratados acima confluem para o da submissão, definida pela igreja Universal como:

[...] não se trata da submissão cega, na qual a mulher é subjugada pelo homem e é feita de capacho dele. Não. A verdadeira submissão é aquela em que a mulher reconhece o marido como cabeça do lar e se coloca na posição de sua auxiliadora, permitindo a ele exercer o papel de líder, mas sempre se posicionando e expondo a sua opinião com sabedoria, sem desrespeitá-lo. (VIDAL, 2015)

Porém, mesmo que a mulher tenha escolhido se colocar como auxiliadora, o que não transparece a essas mulheres é que sua permanência no lar e tamanha dependência do marido tira suas possibilidades de influir diretamente na sociedade, essa influência só vai para a coletividade através do esposo (BEAUVOIR, 2009). Colocar-se como apenas auxiliadora, deixar ele tomar as decisões enquanto se toma cuidado para não atingir o ego alimentado pelo patriarcado significa que a opinião da mulher vale menos, afinal, alguém que toma as decisões junto não é mera auxiliadora.

Como os aspectos de imposição patriarcal são exacerbados a alta potência para constituir a distopia de Atwood, todas as mulheres na casa do Comandante respondem a ele, ele tem poder sobre todas elas. Um trecho que chama a atenção do leitor para essa relação de posse é quando Offred narra a Cerimônia: “Eu espero que as pessoas pertencentes à casa se reúnam. *Pertences da casa*: é isso que nós somos. O Comandante é o chefe, o dono da casa. A casa é o que ele possui. Para possuir e manter sob controle até que a morte nos separe.” (ATWOOD, 2017, p.99).

É uma expectativa tanto no romance quanto na realidade – embora em diferentes níveis conforme o contexto – que as mulheres estejam sob a tutela de um homem, seu pai, irmãos ou marido. Beauvoir (2009) descreve essa relação como algo próximo à vassalagem. Mesmo assim, pode-se observar, em discursos individuais e institucionalizados, a defesa de uma mulher submissa a seu marido, como pode ser visto a seguir na esfera individual:



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CWp5AkwLp7I/>

A imagem 4 tem ao fundo um homem e uma mulher, a mulher segurando no pescoço do marido para se sustentar com os pés no ar. No texto em primeiro plano lê-se: “Esposas, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao senhor.” e abaixo “Efésios 5.22”. A palavra *esposas* está em rosa e *marido* em azul, enquanto o resto das palavras está em preto. A escolha de cores é provavelmente fundada na crença de que a cor rosa representa mulheres e azul os homens. Como a ex-ministra Damares Alves repetiu em sua saída do ministério: “menino veste azul e menina veste rosa” (ALENCAR, 2022). Nessa postagem o marido é colocado no mesmo patamar de Deus pelo uso da preposição *como*.

Embora haja outras imagens postadas agregadas no formato de carrossel da plataforma, o destaque na legenda é para o assunto “Submissão no Casamento” (BORCHARDT; BORCHARDT, 2021). A postagem foi realizada por um casal que realiza cursos sobre relacionamentos e casamento. Encontram-se inseridos na igreja luterana, na qual Maiko Borchardt atua como pastor.

Embutido na lógica de sujeição, um dos pilares do comportamento da mulher cristã é a modéstia. Aparece de forma sutil nos manuais, que orientam a mulher a se arrumar e “estar apresentável”, mas que outras pessoas dedicam seu tempo a escrever as orientações sobre como se vestir modestamente. O corpo que é sexualizado e objetificado deve se manter escondido, porque caso contrário é colocado como tentador. Essa falácia é muito utilizada na culpabilização de vítimas de assédio. Um exemplo bastante ilustrativo dessa sexualização é como Tia Lydia fala no Centro Vermelho sobre trajes de banho e o hábito de se bronzear no sol:

Contudo não precisa se preocupar com queimaduras do sol, dizia Tia Lydia. A maneira deplorável e exibida com que as mulheres costumavam se comportar. Passando óleo no corpo como se fossem carne assada num espeto, e de costas e ombros nus, na rua, em público, e as pernas, sem nem meias finas para a cobri-las, não é de admirar que aquelas coisas costumassem acontecer. *Coisas*, a palavra que ela usava quando não importa o que quer que fosse que substituísse era desagradável, ofensivo ou obsceno ou horrível demais para passar por seus lábios. Uma vida bem-sucedida para ela era uma vida que evitasse *coisas*. *Coisas* daquele tipo não acontecem com mulheres bem-educadas. (ATWOOD, 2017, p.69)

É notória a repulsa de Tia Lydia pela exibição da pele de mulheres. Da mesma forma, uma usuária da rede social *Instagram* se posiciona contra o uso de biquíni por mulheres cristãs fazendo uma postagem em duas partes sobre o assunto. A parte dois segue abaixo:

Figura 3: Captura de tela



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYujSP-uHH0/>

A usuária se aproxima do discurso de Tia Lydia na forma em que fala sobre corpos lidos como femininos nus “Quando uma menina cristã diz que é ‘normal’ vestir um biquíni, ela está basicamente dizendo que deixar seu corpo descoberto é algo puro, apropriado, que honra a Deus, e é modesto.”. Esses corpos são retratados como tendo um apelo sexual inerente, só por existirem e, então ela deve se cobrir.

É recorrente no discurso de Tia Lydia a objetificação das mulheres, explicitada pela comparação com carne no trecho destacado da página 69. Essa comparação pode dar a entender, também, que, na visão dela, as mulheres estavam se preparando para serem consumidas, *comidas*. Em outro momento, o Comandante ao falar com June também compara mulheres com carne. Ele defende

seu ponto de vista de que as mulheres antes se submetiam a encontros às cegas e faziam de tudo para arranjar um parceiro, então diz que esse é o mercado da carne (ATWOOD, 2017, p. 260). Ambas falas colocam o corpo das mulheres como bem a ser consumido, como se aquelas mulheres estivessem se vendendo, mas nem sempre por dinheiro.

Ter uma narradora-personagem permite que o leitor tenha acesso à forma que essas imposições morais afetam as pessoas vivendo sob o regime. Em diversos momentos do livro, June reflete sobre seu corpo, e em um deles sua reflexão é justamente sobre biquínis “Minha nudez já é estranha para mim. Meu corpo parece fora de época. Será que eu realmente usei trajes de banho, na praia?” (ATWOOD, 2017, p.78). Portanto, os corpos imodestos, vergonhosos e impudicos devem ser cobertos, esse é o princípio regente para a vestimenta das mulheres em Gilead.

4 CONCLUSÃO

A perpetuação de ideologias de controle do corpo, mencionadas no decorrer desse trabalho, possuem consequências marcantes ao passo que limitam, ou mesmo não permitem, que pessoas com útero sejam autônomas corporalmente. Portanto, a falta de autonomia corporal das mulheres ainda se faz presente no Brasil até a atualidade. Mesmo no ano de 2022, de acordo com a lei nº 9.263 (BRASIL, 1996), as mulheres casadas com homens precisam de autorização dos maridos para realizar o procedimento de laqueadura⁶. Embora homens casados também precisem pedir autorização do cônjuge para realizar esterilização voluntária através de vasectomia, pouco ou nada se houve de homens tendo o procedimento negado por cônjuges. Entretanto, muitos homens se valem dessa legislação como mais uma forma de exercer controle sobre os corpos de suas esposas.

Em outubro de 2021 o programa da Rede Globo *Profissão Repórter* acompanhou o procedimento de laqueadura de um grupo de mulheres na cidade de Cristalândia no Tocantins. Uma das pessoas que deu depoimento foi Ana Carla, que sentia dúvidas em seguir com o procedimento, pois dizia que seu esposo não concordava, mas que havia assinado a autorização mesmo assim. No dia seguinte, ao acompanhar o caso de Ana Carla, o marido diz ao fundo, sem querer ser identificado: “Assinei com a mão no coração. Não apoiei ela de jeito nenhum. Tinha uma fábrica feminina aí.” A expressão “fábrica feminina” ilustra de forma bastante nítida a visão tradicionalista do papel da mulher, uma fábrica de produzir herdeiros. A reportagem fecha com a fala de Ana Carla, “No fim, eu optei por mim.”.

Outra entrevistada, Thaian da Luz, diz que tinha um companheiro aos 13 anos de idade e esperava sair do regime rigoroso de sua casa: “Eu vou casar, e quem sabe eu saio mais. E negativo, sai dum domínio e vai pro outro”. Thaian descreve a realidade de muitas mulheres brasileiras, que, assim como na obra *O conto da aia*, são tratadas como posse do pai, para depois serem posse do marido, e como reitera Beauvoir, “integrada como escrava ou vassala nos grupos familiares dominados por pais e irmãos, a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens.”.

⁶ “§ 5º Na vigência de sociedade conjugal, a esterilização depende do consentimento expresso de ambos os cônjuges” (BRASIL, 1996)

A reportagem também fala com o cirurgião Danilo Alencar, que realiza os procedimentos dá o seguinte depoimento na entrevista:

Às vezes tem essa recusa do marido mesmo. Ele quer ter mais filho. Mas assim, se ele não assinar a gente não laqueia. Tem que ter a autorização dos dois. A mulher solteira, que tem 6, 7 filhos, a gente sempre pede a assinatura de algum responsável. Muitas pacientes desistem depois e falam que não foi por consentimento legal. É um meio de a gente se resguardar.

Contudo, a prática desse médico é ilegal, pois a lei nº 9.263 (BRASIL, 1996) do planejamento familiar prevê a necessidade de autorização do cônjuge caso sejam casados, porém não prevê necessidade de autorização de outras pessoas da família caso a mulher fazendo a laqueadura seja solteira. A prática de Danilo restringe ainda mais o poder de decisão que mulheres têm sobre seus próprios corpos, criando um espaço para outras pessoas passarem por cima da individualidade dessas mulheres.

A mesma lei de planejamento familiar serviu como justificativa para obrigar mulheres casadas a pedirem autorização aos esposos para colocar DIU. A prática foi adotada por alguns postos de saúde na cidade de São Paulo e por planos de saúde nos estados de São Paulo e Minas Gerais, conforme relatado por reportagem do portal Yahoo Notícias. A lei abrange apenas os procedimentos de esterilização, sendo o DIU um método contraceptivo. Casos como esse demonstram o quanto há para ser feito em relação aos direitos das mulheres, pois, “ao negar às mulheres o controle sobre seus corpos, o Estado privou-as da condição fundamental de sua integridade física e psicológica, degradando a maternidade à condição de trabalho forçado [...]” (FEDERICI, p. 181-182). Portanto, não são só as Aias que realizam o trabalho da maternidade forçada, mas as mulheres brasileiras fora da narrativa ficcional.

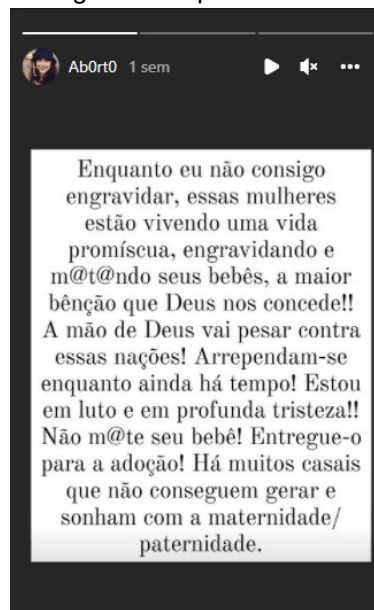
A falta de acesso ao aborto legal e gratuito é outra face da falta de autonomia sobre o próprio corpo que as mulheres enfrentam. No caso de gravidez não planejada, ou mesmo em casos de violência sexual, a mulher ainda é vista como culpada. Essa atribuição de culpa à vítima parte do mesmo preceito de que as mulheres devem se cobrir, que há algo inerentemente sexual no corpo que é lido como feminino. Em uma cena de Testemunho, evento dentro do Centro Vermelho que tem como objetivo que as Aias ali em treinamento compartilhem histórias em que teriam pecado, Janine, uma das Aias, conta sobre quando foi encurralada por uma gangue quando tinha catorze anos, foi violentada e por ter engravidado fez um

aborto. As Aias em treinamento são incitadas a culpar Janine pela situação:

Mas de quem foi a culpa?, diz tia Helena, levantando um dedo roliço.
Dela, foi *dela*, foi *dela*, entoamos em uníssono.
Quem os seduziu? Tia Helena sorri radiante, satisfeita conosco.
Ela seduziu. *Ela* seduziu. *Ela* seduziu.
 Por que Deus permitiu que uma coisa tão terrível acontecesse?
 Para lhe ensinar uma *lição*. Para lhe ensinar uma *lição*. Para lhe ensinar
 uma *lição*. (ATWOOD, 2017, p.88)

Pode ser traçado um paralelo entre o comportamento incitado das Aias e a sociedade de forma mais ampla que julga as mulheres pelo que vestem, como se comportam, sem colocar a responsabilidade na pessoa que executou a agressão. A hostilidade contra pessoas que precisam abortar para retomar o controle de seus corpos é demonstrada no perfil de Amanda Durham (2022a) em que compartilha nos destaques do seu perfil um depoimento:

Figura 5: Captura de tela



Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17931047519065498/>

A usuária da rede social, quando afirma que “essas mulheres estão vivendo uma vida promíscua, engravidando e matando seus bebês” coloca toda a responsabilidade da gravidez na mulher, ignorando o papel de uma segunda pessoa na situação. Nega a possibilidade de o feto ter sido concebido através de violência sexual, ou de ter sido um acidente e que a pessoa grávida pode ter sido deixada para lidar com as consequências sozinhas, ou ainda, ser forçada pela família ou sociedade a casar em razão da gravidez. Há também uma negação de alteridade,

de que outra pessoa, outro grupo social não tenha as mesmas crenças religiosas que ela e assim não acredita que “todo bebê é uma bênção”. É possível traçar um paralelo com o julgamento que Tia Lydia faz em relação a Janine, colocando-a como culpada pela violência sofrida e por ter abortado.

Afirmar que “A mão de Deus vai pesar contra essas nações!” se traduz em uma ameaça bastante forte, que se encontra enraizada na ideia de que a interlocutora está certa e que Deus irá de fato executar algum tipo de vingança contra países que permitem aborto. Enquanto isso, ignora as mulheres, principalmente de baixa renda que podem morrer por não terem acesso a aborto seguro e gratuito. A vida dessas pessoas vale menos que a de um feto? Ademais, é possível, relacionar a ameaça da ação da mão de Deus com as guerras travadas dentro do mundo ficcional entre o Estado de Gilead e as seitas hereges, assumindo a posição de que esse Estado é representante da vontade de Deus.

Uma similar “mão de Deus” que já pesou contra a nação seria a Ditadura Civil-militar brasileira, instituída através de um golpe para destituir o presidente João Goulart. Ditadura essa, amplamente apoiada pela extrema-direita mesmo atualmente (LOWYE, 2015). É importante destacar que marchas religiosas que temiam “a subversão e o ateísmo comunista” (GUISOLPHI, 2010) tal qual a *Marcha da família com Deus pela liberdade*, deram o respaldo necessário aos militares para a instauração do golpe (MENDES, 2004).

Portanto, é possível traçar um paralelo entre os posicionamentos religiosos e políticos da extrema-direita brasileira com o pensamento dominante do regime ficcional de Gilead. Estes se cruzam ao perpetuar a crença de que existe um destino biológico para as pessoas com útero conceberem, tratando o papel de dar à luz como sagrado; ao afirmarem que o lugar de uma mulher é em casa, realizando trabalho reprodutivo, que esta deve ser submissa ao seu marido, pois esse seria seu lugar natural. Mulheres não possuem plena autonomia corporal na sociedade brasileira atual e quanto mais interseccionalidades marginalizadas, mais complexa é sua relação com o lugar de seu corpo na sociedade. Assim, vale destacar que ainda há muito a ser explorado sobre pressões patriarcais, mesmo à luz de O conto da Aia.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Caíque. Damares diz que foi 'ministra polêmica' e repete falas conservadoras. **Uol**, São Paulo, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/03/31/damares-alves-saida-governo-ministra-polemica.htm>. Acesso em: 15 abr. 2022.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução: Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

AIA. *In*: Houaiss. UOL: 2022. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2. Acesso em 18 mar. 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: Fatos e mitos. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. v. 1. *E-book*. Não paginado.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: A experiência vivida. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. v. 2. *E-book*. Não paginado.

BÍBLIA. Português. *In*: Bíblia Almeida Revisada e Atualizada. 2022. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara/index>. Acesso em: 7 mar. 2022.

BÍBLIA. Português. *In*: Bíblia Nova Versão Transformadora. 2022. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/vc/index>. Acesso em: 7 mar. 2022.

BÍBLIA. Português. 203. ed. rev. e atual. São Paulo: Ave-Maria, 2014.

BRASIL. **Lei nº 9.263, de 12 de Janeiro de 1996**. Planejamento familiar. Brasília, DF, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9263.htm. Acesso em: 21 mar. 2022.

BORCHARDT, Maiko; BORCHARDT, Suzy. **Submissão no casamento**. 24 nov. 2021. Instagram: @canal.voceeeu. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CWp5AkwLp7I/>. Acesso em: 9 mar. 2022.

CARDOSO, Erica. **“Uma profissão pode afetar a vida de muitas pessoas, mas a maternidade é um chamado que pode afetar a eternidade”**[...]. 17 jan. 2021. Instagram: @ericacardoso_90. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ca2z3ydpQ6e/>. Acesso em: 8 mar.2022.

CHAVES, Felipe. **Guia do bom marido**. 17 jan. 2021. Instagram: @furia_e_tradicao. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKJcbBZjyi6/>. Acesso em: 30 mar. 2022

CHAVES, Vanessa. **Guia da boa esposa**. 17 jan. 2021. Instagram: @_simplesebela. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKJoKAhjU5E/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

COMUNIDADE Bela e Fúria. [S. l.], 2022. Disponível em:

<https://comunidadebelaefuria.com.br/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

DEIAB, Rafaela de Andrade. **A mãe-preta na literatura brasileira**: a ambiguidade como construção social (1880-1950). Orientador: Lília Katri Moritz Schwarcz. 2006. Dissertação de mestrado (Mestrado em Antropologia social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DIAS, Brenda. Apropriação capitalista do trabalho doméstico e reprodutivo não remunerado da dona de casa sob a perspectiva de gênero. **Observatório de Segurança Pública**, São Paulo, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://www.observatoriodeseguranca.org/pesquisas-e-estudos/apropriacao-capitalista-do-trabalho-domestico-e-reprodutivo-nao-remunerado-da-dona-de-casa-sob-a-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

DURHAM, Amanda. **A Mulher De Provérbios 31: Uma Mulher De Carreira?**. 5 maio 2021. Instagram: @fielmentefeminina. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COgSulcjeWT/>. Acesso em: 29 mar.2022

DURHAM, Amanda. **Idolatria ao passado, idolatria ao casamento, idolatria à maternidade [...]**. 3 mar. 2022. Instagram: @fielmentefeminina. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CaqY-X3udBB/>. Acesso em: 29 mar.2022

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 2. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2017

GUISOLPHI, Anderson José. As Marchas da Família com Deus pela Liberdade: ideologias e práticas católicas no golpe militar de 1964. **Cadernos do CEOM**, Santa Catarina, v. 22, ed. 31, p. 453-458, 22 jun. 2010. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/72>. Acesso em: 21 abr. 2022.

HANDMAIDEN. In: Merriam-Webster Dictionary. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/handmaiden>. Acesso em: 9 mar. 2022.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

LUZ, Bruna Rafaella. <https://mamaefelizdeverdade.familialuz.com/>

Löwy, Michael. **Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil**. Tradução de Deni Alfaro Rubbo e Marcelo Netto Rodrigues. Serviço Social & Sociedade [online]. 2015, v. 00, n. 124, pp. 652-664. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.044>. Acesso em: 10 abr. 2022.

M., Sabrina. **Mulher virtuosa. O seu valor muito excede aos rubis [...]**. 8 mar. 2022. Instagram: @maternidade_educacaoeprincípio. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ca2RtY6LGxu/>. Acesso em: 8 mar.2022.

MARCHIORI, Celso Antônio. Maria, a serva do senhor. **CNBB**, 2017 Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/maria-a-serva-do-senhor/>. Acesso em 18 mar. 2022.

MARTIM, Alice Tâmara. **O biquíni está destruindo a visão de garotas cristãs sobre a modéstia**. 14 jan. 2022. Instagram: @alycetamara. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYujSP-uHH0/>. Acesso em 9 mar. 2022.

MARI, João de. Entenda lei que foi usada para obrigar mulher a pedir autorização para colocar DIU. **Yahoo notícias**, 9 ago. 2021. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/entenda-lei-que-foi-usada-para-obrigar-mulher-a-pedir-autorizacao-para-colocar-diu-154615106.html>. Acesso em: 21 mar. 2022.

MENDES, RICARDO ANTONIO SOUZA. Marchando com a Família, com Deus e pela Liberdade: O 13 de Março das direitas. **Varia História**, [s. l.], v. 33, p. 234-249, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/DL4ktNyPwJN9hySKJ9WRdKf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2022.

MORAIS, A. R. A. de. O discurso político da extrema-direita brasileira na atualidade. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 152–172, 2019. DOI: 10.26512/les.v20i1.12129. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/12129>. Acesso em: 13 abr. 2022.

MULHER decide passar por laqueadura, mesmo com resistência do marido: ‘Eu optei por mim’. **Profissão repórter**, 6 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2021/10/06/mulher-decide-passar-por-laqueadura-mesmo-com-resistencia-do-marido-eu-optei-por-mim.ghtml>. Acesso em: 21 mar. 2022.

NATIONAL SHRINE. **Site da Basílica de National Shrine**. Disponível em: <https://www.nationalshrine.org/blog/mary-the-handmaid-of-the-lord-the-solemnity-of-the-annunciation/>. Acesso em: 18/09/2022.

TELLES, Lygia F. **As Meninas**.

TAIL. *In*: Merriam-Webster.com Dictionary. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/tail>. Acesso em: 9 mar. 2022.

TALE. *In*: Merriam-Webster.com Dictionary. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/tale>. Acesso em: 9 mar. 2022.

SACONI, João Paulo. Cotada para ministra diz que ‘mulher nasce para ser mãe’ e ‘infelizmente tem que ir para o mercado de trabalho’: Damares Alves é considerada "forte concorrente" para pasta dos Direitos Humanos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 nov. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/cotada-para-ministra-diz-que-mulher-nasce-para-ser-mae-infelizmente-tem-que-ir-para-mercado-de-trabalho-23272762>. Acesso em: 16 abr. 2022.

SILVA, Ana Géssica; SIQUEIRA, Rosângela Bujokas de. Reflexões Sobre o Conservadorismo e a Família no Cenário Atual Brasileiro. **O trabalho do/a assistente social em tempo de retrocessos**: defesa de direitos e lutas emancipatórias, Paraná, v. 7, 2019. Disponível em: <https://cresspr.org.br/anais/sites/default/files/REFLEX%C3%95ES%20SOBRE%20O>

%20CONSERVADORISMO%20E%20A%20FAM%C3%8DLIA%20NO%20CEN
%C3%81RIO%20ATUAL%20BRASILEIRO.pdf. Acesso em: 13 abr. 2022.

VIDAL, Jeane. Como ser a melhor esposa?: Conheça 8 qualidades essenciais para se tornar a mulher ideal para o seu marido. **Universal**, 24 out. 2015. Disponível em: <https://www.universal.org/obreiros/post/como-ser-a-melhor-esposa/>. Acesso em: 15 abr. 2022.